

# ***FRUTO DO VOSSO SANGUE, MULHER: VIDEOPERFORMANCE, O FEMININO E O SAGRADO***

Luana Furtado Ramos Cairrão (Universidade Federal de Santa Maria –UFSM)<sup>1</sup>  
Gisela Reis Biancalana (Universidade Federal de Santa Maria –UFSM)<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A escrita que se segue refere-se a um processo criador em videoperformance construído a partir da prática da entrega do sangue menstrual para uma árvore. Essa, é uma mangueira que reside na mesma casa da proponente, junto com outras três gerações de mulheres de sua família. O intento investigou modos de criação em videoperformance, e buscou estudos sobre o conceito de sagrado e seus possíveis desdobramentos em contextos do feminino, refletindo sobre o sangue menstrual e árvore enquanto elementos sacralizados e dotados de fertilidade, genealogia e vida. Além de uma revisão bibliográfica sobre os aspectos abordados no trabalho, a autora adotou a prática de escrita de diários autobiográficos enquanto procedimento metodológico que impulsionou o processo criador. O trabalho apresentou um trânsito ininterrupto entre teoria e prática, e resultou na obra em videoperformance intitulada *Fruto do vosso sangue, mulher*.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Videoperformance, Sangue Menstrual, Sagrado, Feminino.

## **ABSTRACT**

The writing that follows refers to a creative process in videoperformance constructed from the practice of delivering menstrual blood to a tree. This is a hose that resides in the same house as the proponent, along with three other generations of women in his family. The intent investigated modes of creation in videoperformance, and sought studies on the concept of

---

<sup>1</sup>Bacharela em Dança pela Universidade Federal de Santa Maria e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART), na mesma instituição. Bolsista CAPES; Integrante do Laboratório de Performance, Arte e Cultura (LAPARC) e pesquisadora no grupo Performances: arte e cultura/CNPQ. Orientação: Profa. Dra. Gisela Reis Biancalana.

<sup>2</sup>Professora associada na UFSM, Artes Cênicas (1995-2014) e professora no Curso de Dança (2014-). Membro permanente do PPGART com pesquisas transversais em performance. Pesquisadora em Artes Performativas de cunho sociocultural e político. Mestre (2001) e Doutora (2010) em Artes/UNICAMP. Pós-doutorado na De Montforduniversity, UK. É líder do grupo Performances; arte e cultura/CNPQ e coordena o LAPARC.

sacredness and its possible consequences in feminine contexts, reflecting on menstrual blood and tree as sacralized elements endowed with fertility, genealogy and life. In addition to a bibliographic review on the aspects addressed in the work, the author adopted the practice of writing autobiographical diaries as a methodological procedure that stimulated the creative process. The work presented an uninterrupted transit between theory and practice and resulted in the work in video performance entitled Fruit of your blood, woman.

### **KEYWORDS**

Video performance; Menstrual Blood; Sacred; Female.

Os processos de criação nas artes da cena compõem um vasto campo de possibilidades e de discussões acerca de seus saberes-fazer. Nas artes performativas, especialmente quando envolvem o uso da tecnologia de celulares e computadores, por exemplo em videoperformances, esses debates crescem à medida que o uso desses aparelhos eletrônicos e suas diversas ferramentas também vêm ganhando mais espaço. Ao mesmo tempo, assuntos que envolvem o sagrado, o feminino e a ciclicidade estão sendo abordados com mais recorrência, principalmente entre mulheres através das redes sociais. Nesse sentido, o presente trabalho refere-se a um recorte de uma pesquisa que aborda o conceito de sagrado e seus desdobramentos em contextos do feminino para a criação de uma videoperformance. Esses desdobramentos tratam de genealogia, fertilidade e ciclicidade presentes na menstruação feminina e numa árvore mangueira, a qual vive na mesma residência que a família da proponente a quatro gerações de mulheres (bisavó da performer, avó da performer, mãe da performer e a performer).

Nesse contexto, esse escrito corresponde a uma abordagem a respeito dos processos de criação que envolveram a videoperformance em questão, a qual intitulou-se *Fruto do vosso sangue, mulher*. Os principais procedimentos metodológicos que compuseram o trabalho estiveram alicerçados em uma revisão bibliográfica acerca da concepção e criação em videoperformance, principalmente a partir de Leote e Bershtein como também a respeito do conceito de sagrado e seus desdobramentos em contextos do feminino, especialmente em Eliade e Estés.

Ademais, também foram concebidos diários autobiográficos sobre a relação da proponente com a sua própria menstruação, com a árvore mangueira, e com as

manifestações do sagrado entre as mulheres supracitadas de sua família. Essas escritas de si buscaram funcionar como gatilhos para o processo criador e estiveram referendadas, principalmente, em Calado e Malatian.

Os processos que envolveram a criação desse trabalho ressaltaram a noção de um trânsito ininterrupto entre teoria e prática e revelaram à proponente uma nova forma de visualizar as manifestações do feminino e da criação no mundo. Além disso, realçaram a importância de reflexões sobre o uso das tecnologias na arte performativa, sobretudo como essas inovações podem alterar nossos modos de criar no-com-para o mundo.

Vale colocar que a proponente percebe a necessidade de explicar que as suas criações têm se centrado cada vez mais em poéticas do feminino. Percebe-se a necessidade de encontrar novas formas de ser e performar o ser mulher e mãe, também implicam em renovação e partilha de novos modos de coexistir no-com mundo. Assim, performar o florescer e o preparar, o sangrar e o frutificar, o dar e o receber, o sagrado e o sacrifício, são escolhas e possibilidades encontradas pela autora para poder dançar cada vez mais o feminino em si e no mundo.

Torna-se fundamental colocar que esse percurso criativo nasceu e se desenvolveu em meio ao período da pandemia COVID-19. Principalmente devido a esse período de adaptações e mudanças coletivas, a performer passou a observar mais sua relação com os seus ciclos, com o seu próprio corpo, com a sua casa e com a sua família. Assim, esse percurso provocou uma nova maneira de colocar o corpo para perceber a passagem do tempo e da ciclicidade nesse período. Ainda, a autora optou por trabalhar com um processo criador em videoperformance, levando em consideração, sobretudo, a necessidade de manter o isolamento social.

Assim, é válido efetuar algumas colocações a respeito da performance e da videoperformance enquanto formas de manifestação artística que vêm se consolidando nas últimas décadas. Embora as discussões em torno da performatividade e das obras de arte em formato de vídeo estejam cada vez mais recorrentes, é importante apontar que seus surgimentos são anteriores aos seus processos de consolidação. As ações performáticas buscavam, desde o início do século XX, rupturas estéticas e críticas socioculturais e políticas. GOLDBERG (2006, p. 4) coloca que diversos artistas, desde as vanguardas modernistas, já recorriam à performance para demolir categorias e apontar para novas direções.

Ainda, destaca-se que a “relação entre o Homem e a Máquina” ocupou o mesmo lugar de relevo tanto nas análises da Bauhaus sobre arte e tecnologia, como nas abordagens anteriores dos performers ligados ao construtivismo russo ou ao futurismo italiano” (GOLDBERG, 2006, p. 136). Assim, as relações estabelecidas entre vídeo, corpo e arte vêm promovendo possibilidades de investigação acerca das possibilidades de uso da câmera, como por exemplo, proximidade e distância do corpo do performer, angulação, luz, uso de câmera lenta ou com velocidade acelerada, entre outras.

Com isso, vale colocar as diferenças básicas entre o vídeo como registro da performance, e a obra como uma videoperformance. Assim, essa última pode existir

enquanto forma de registro de um evento pontual localizado no tempo, como arquivo/documento ou como obra em si mesma, utilizando linguagem própria do cinema e vídeo para montagem do vídeo a partir da utilização de performance a priori. (GONÇALVES, p. 535, 2018).

Destaca-se ainda, a importância de compreender a videoperformance como o resultado de uma relação simbiótica entre a performance e o vídeo. Ou seja, ela é executada de tal forma, que uma contribui essencialmente com-para a existência da outra. A respeito disso, a

distinção entre performance e videoperformance estaria no modo como a composição é feita, levando em conta qual é a forma pela qual o vídeo está conectado à ação. Enquanto na performance o vídeo aparece como elemento agregado, e que pode ser substituído, na videoperformance ele é a razão do surgimento de um novo sistema de características autopoieticas. (LEOTE, p. 54, 2008).

Dessa forma, ressalta-se que a performer utilizou recursos de criação estruturados enquanto procedimentos metodológicos, os quais articulam teoria e prática. Nesse sentido, optou-se por fazer uso da escrita de diários autobiográficos para impulsionar as criações de caráter performativo. Os diários foram concebidos a partir de memórias, sensações e emoções sobre alguns dos seus ciclos menstruais durante os meses de processo criativo da obra, ainda, a partir de memórias sobre a sua menarca. Nos registros pessoais, também foram incluídos aspectos da relação da proponente com a árvore mangueira supracitada.

Nesse sentido, a respeito da produção de escritas autobiográficas, Sartori (2019) aponta que elas adentraram o século XIX representando um importante recurso de registros de segredos, emoções e sentimentos, ao mesmo tempo em que “guardavam as

coisas que não se queria esquecer, uma narrativa memorialística que se assumiu como dispositivo de confissão quase que obrigatória.” (SARTORI, 2019, p. 2).

Além disso, conforme aponta (MALATIAN, 2012, p. 64), podemos observar que as escritas de si estão ocupando uma importância cada vez maior nos modelos de Historiografia contemporânea, uma vez que elas “constituem meio privilegiado de acesso a atitudes e representações do sujeito, o qual decorre de um movimento de valorização das memórias individuais.” Ao encontro dessa colocação, ao tratar da escrita auto-referencial de Simone de Beauvoir, Calado (2012) afirma que suas narrativas autobiográficas estavam ligadas a

uma necessidade de salvar do esquecimento a sua história, de deixá-la registrada para seus contemporâneos. Era, sem dúvida, a expressão de desejos pessoais: cumprir promessas de juventude, fazer balanços de sua experiência, contar a sua vida de acordo com a sua perspectiva.” (CALADO, 2012, p. 23).

A partir da prática das escritas autobiográficas da autora, além de abordarem aspectos sobre a menstruação e a árvore, os diários também contemplaram considerações acerca das concepções sobre o sagrado na sua família, buscando registrar principalmente algumas vivências com as gerações de mulheres de sua família. A proponente observou então, que estava se propondo sacralizar o sangue menstrual, como forma de honrar o feminino em si. Além disso, estava se propondo a pensar a árvore enquanto elemento sacralizado, ao retomar memórias de suas ancestrais, atribuindo a ela um caráter de genealogia. Dessa forma, foi possível atentar-se para as características biológicas relacionadas à menstruação e a árvore- fertilidade, ciclicidade, gestar, florescer, frutificar- assim como também foi possível, dentro das intenções da autora e a partir das referências bibliográficas utilizadas, refletir sobre elas sob uma perspectiva de estudo sobre o sagrado.

Assim, Eliade (1992) observa que o pensamento sobre a sacralização do mundo pode ser abordado a partir da ideia de *hierofania*. O termo em questão designa o oposto do profano, ou seja, quando o sagrado se manifesta. Coloca-se então, que intencionalmente a proponente eleva a árvore e o sangue menstrual à condição daquilo que pode ser uma manifestação divina ou espiritual no mundo. A respeito disso, (Eliade, 1992, p. 13) aponta que nesses casos, “A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra nem árvore, mas o sagrado,[...]”.

Na abordagem desse contexto, o próprio planeta Terra pode ser entendido como sagrado, uma vez que é dotado de recursos naturais que tornam nossa existência aqui possível. A respeito dessas crenças, Eliade afirma que, em diversos contextos socioculturais, o

mundo apresenta-se de tal maneira que, ao contemplá-lo, o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado e, por conseguinte, do Ser. Antes de tudo, o Mundo existe, está ali, e tem uma estrutura: não é um Caos, mas um Cosmos, e revela-se portanto como criação, como obra dos deuses. (ELIADE, p. 59, 1992).

Além desse aspecto, também se considera o sagrado a partir da ideia de sacro-  
ofício, sacrifício, ou ainda, sagrado ofício. Esses três termos semelhantes fazem alusão às possíveis perdas, abandonos, ou pequenas mortes que podem englobar a noção de sagrado, bem como os rituais sacralizados. Nas particularidades desse processo teórico-prático, o sacrifício está ligado ao feminino, sobretudo, através da própria menstruação e da ideia de maternidade.

Ademais, há algumas questões específicas acerca do sagrado em contextos do universo feminino, as quais apontam para a existência de tribos e comunidades matriarcais, cujas árvores genealógicas, organizações sociais, e mitos de criação do mundo estão centralizados na figura da mãe. A respeito disso, Eliade afirma que o

fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher. Foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares[...]. O prestígio mágico e religioso, e consequentemente, o domínio social da mulher têm um domínio cósmico: a figura da Terra Mãe. (ELIADE, 1992, p. 72).

Um exemplo dessa forma de organização sociocultural são os índios Kogis<sup>3</sup> (OWEN, 1994, p. 4). Nessas culturas, nas quais a mulher é colocada em evidência, o corpo feminino e seus ciclos também costumam ser mais valorizados. Isso ocorre porque nessas sociedades, as mulheres são vistas como as verdadeiras responsáveis pela perpetuação do povo. Assim, em ambos os casos citados, tanto nas organizações patriarcais como nas matriarcais, os pensamentos sobre o sagrado e religião, cultura e sociedade, caminham de modo que um colabora para a sustentação do outro. No que tange à matrilinearidade e às organizações matriarcais, por exemplo, a

mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra: o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências

---

<sup>3</sup> Comunidade indígena que vive na região da Colômbia.

religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um modelo cósmico: o da Terra Mater, da Mãe universal. (ELIADE, p. 71-72, 1992).

Dessa forma, no que se refere à ciclicidade e à fertilidade feminina, a menstruação e o momento do parto são momentos sublimes e sagrados. O principal mito da criação presente no povo Kogi, por exemplo, constitui-se da crença de que “o mundo foi criado pela Grande Mãe enquanto ela menstruava. Seu sangue é de ouro; ele permanece na terra; é fertilidade” (OWEN, 1994, p. 4).

Assim, coloca-se que a autora adotou a prática da entrega do sangue menstrual para a árvore mangueira durante o processo criador em videoperformance. Pode-se destacar ainda, que essa prática funcionou como um ritual estimulador do autoconhecimento, da autonomia da performer sobre seu próprio corpo, assim como, sua conexão e gratidão para com a Mãe Terra. Nesse caso, a entrega do sangue para a mangueira assume, para além de outros simbolismos, uma sensação e uma ideia de ligação para com as raízes que marcaram a conexão da autora com o sagrado através das últimas gerações de mulheres de sua ancestralidade materna.

A respeito da hierofania na árvore, Estés (2007) relaciona a sua notável capacidade de renovação com a psiquê feminina, também, narra a história de uma imponente árvore que foi cortada para suprir a necessidade de obtenção de madeira para a construção de um grandioso empreendimento imobiliário, no norte do Estados Unidos. Entretanto, para a surpresa da comunidade local, pouco tempo depois dessa árvore ter sido cortada, “do cepo liso sobre o qual um dia a árvore viva se erguera, cresceram 12 rebentos a partir da velha árvore avó[...]. As árvores jovens que cresceram a partir do velho choupo eram obviamente suas filhas” (ESTÉS, 2007, p. 26).

Então, a obra em videoperformance resultante dos processos teórico-práticos realizados intitulou-se *Fruto do vosso sangue, mulher*. Foram realizadas gravações de 64 vídeos durante quatro meses ao longo do ano de 2020. Optou-se por verdadeiramente utilizar o sangue menstrual na captação das imagens da obra (figura 1). Para tal, fez-se uso de um coletor menstrual. Esse procedimento foi adotado diversas vezes, sempre durante os momentos que antecederam as gravações.

As imagens foram captadas em formato de vídeos com tempos variados (cada um continha no máximo quatro minutos, porém, alguns tinham apenas 20 ou 30 segundos). As filmagens foram inteiramente realizadas com uma câmera de dispositivo

móvel da marca *Samsung Galaxy*, captadas por Marcos Cairrão, Márcia Cairrão, e ainda, pela própria performer. As primeiras edições de imagem foram realizadas através pela própria autora através do programa *Handbreak*. A edição do vídeo foi finalizada através do programa *Sony Vegas*(figura 2). Por fim, a videoperformance *Fruto do vosso sangue, mulher* foi compartilhada com o público através da rede social Instagram, na conta pessoal da performer, no dia 1 de fevereiro de 2021.



Fig 1- Essa captação de imagem mostra a autorase relacionando com a árvore mangueira após derramar o sangue menstrual em suas raízes<sup>4</sup>.



Fig 2- Sobreposição de imagens após a edição final da videoperformance. Mostra a performer se relacionando com o seu sangue menstrual<sup>5</sup>.

Portanto, observou-se ao longo desse processo uma profunda conexão entre arte e vida. Como já apontou Jean Lancri, “não fiz mais o meu trabalho do que o meu trabalho me fez.” Surgiram reflexões sobre arte e vida em constante processo de (re)organização e criação. Nesse processo que, para a performer, mostrou-se sagrado, ao mesmo tempo, rico em sacrifícios, observou-se o quanto o caminho de descoberta do amor pelo próprio corpo e, conseqüentemente, pelo próprio sangue, fortaleceram a proponente enquanto artista e mulher nesse trânsito ininterrupto entre arte e vida.

A relação com a maternidade e a ancestralidade realçaram o caráter sagrado do trabalho, e mostraram que, evidentemente, essa relação entre genealogias constitui partes importantes de tudo que a própria autora é. Nesse sentido, a fertilidade, a maternidade, o

---

<sup>4</sup> Imagem captada por Marcos Cairrão.

<sup>5</sup> Imagens da videoperformance apresentada, captadas por Marcos Cairrão e editadas por Andressa Merlo.

florescer e o frutificar apresentaram-se como constantes hierofanias do mundo, manifestações do sagrado em tudo que é próprio do feminino. As buscas pelo autoconhecimento, pela ligação com a genealogia feminina, e pelo entendimento e aprendizados proporcionados pela maternidade, são constantes processos de criação que têm modificado os modos de performar e partilhar o ser mulher e artista com o mundo.

## REFERÊNCIAS CITADAS

CALADO, Eliana A. de Freitas. **Autobiografias de Simone de Beauvoir: sujeito, identidade, alteridade.** Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2012.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo, Editora Martins Fontes. Tradução Rogério Fernandes, 1992.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A Ciranda das mulheres sábias.** Rio de Janeiro: Editora Rocco. Tradução Waldéa Barcellos, 2007.

GOLDBERG, Roselee. **A Arte da Performance: do futurismo ao presente.** Lisboa, Editora Orfeu Negro, 2006.

GONÇALVES, W. T. A vídeo performance como imagem autômata. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário de Pesquisa Internacional em Cultura e Arte Visual.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 534-543.

LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca. TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas.** 1º Edição: Porto Alegre, Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, p. 15-34.

LEOTE, Rosangella. **Vídeoperformance: linguagem em mutação.** In: performance presente futuro, v.I, [curadoria Daniela Labra] - Rio de Janeiro. Contracapa, 2008.

MALATIAN, Teresa. **Escritas de si e narrativa histórica.** Acervo digital Conteúdos e Didáticas de História. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/46186>. Acesso em: 2/02/2021.

OWEN, Lara. **Seu sangue é ouro.** Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos. Tradução Magda Lopes, 1994.

SARTORI, Maria Ester. S. R. **Escritas de si: a arte da existência gravada em autobiografias, diários pessoais e relatos de viagens femininos.** Simpósio Nacional de História, 2019.